

## MOÇAMBIQUE

### Mais um ano de trabalho e esperança

Passou mais um ano bem depressa. Olhar para trás, nem dá vontade, porque é demais o que está agora pela frente.

Se pareceu temeridade, Deus tem-nos amparado. O desaire somente aconteceu na chegada. Nada do que esperávamos. Nem casa, nem meios de trabalho. Foi ousado, sim, andar pela fazenda. Desconfiámos de quem nos inculia medo.

Se no momento era impossível arranjar ali abrigo, pensámos que da terra poderíamos tirar algum sustento. O Jaime queria trabalhar. Foram trinta hectares de sementeira perdida, sem condições sequer para fazer horta. Ao fim perdemos também o Jaime. Deus tem os Seus caminhos. Nós continuamos confiantes.

Temos descoberto as belezas da serra, com as suas poucas árvores, a vegetação característica e o seu lindo panorama. Alguma coisa mais se aproveitou entretanto. Em dois quartos, sem janelas nem portas, tem funcionado a nossa Escola. Dois trabalhadores foram limpando o terreno. Hoje, há sessenta hectares lavrados. O Julião anda lá no tractor. Ainda tem mais vinte.

Dias inteiros na cidade, procurando apoios; em Casa, pela noite dentro, escrevendo e delineando cálculos e projectos. Tempo de inquietação e angústia, para não deixar perder as migalhas que os países ricos dão ao Terceiro Mundo.

Entretanto, a nossa atenção virou-se definitivamente para o povo da Massaca 1. Por conta própria, lançámo-nos à construção de um Centro de Apoio que, de imediato, respondesse ao desejo de começar a acolher rapazes da rua e depois ficasse para as crianças da povoação. São já quinhentos metros quadrados de área coberta e quarenta rapazes amparados, de 4 a 17 anos, que conosco rezam a Deus todos os dias e aprendem

a trabalhar com o sentido da responsabilidade e da família que somos.

#### Fomento do trabalho

O fomento do trabalho em micro-empresas nasceu qua-

se ao mesmo tempo que a Casa do Gaiato. A seca, a fome do povo, a nossa angústia é tanta que a guerra e a insegurança à nossa volta nem nos dão cuidados. Somos obreiros da Paz e começamos a contruí-la com

as quarenta e duas famílias ocupadas em trabalhos produtivos que angariam capazmente o seu alimento.

Também chegou o momento de sermos encontrados. Visitas do Presidente da

Continua na página 4



É o Ricardo

## Notas do tempo

### Uma iniquidade

PÁGINA inesquecível de Pai Américo aquela em que ele conta a sua aflição perante dificuldades levantadas ao abastecimento de energia eléctrica a esta Casa, até aí alimentada da rede que servia Paço de Sousa; e de como foi por aí abaixo à procura de quem lhe valesse. E não foi em vão. Encontrou mesmo quem lhe resolveu o problema (que ficou resolvido até aos dias de hoje) mediante um ramal de alta tensão e um posto de transformação equipado e montado pela empresa distribuidora de energia.

Era o tempo de pequenas Companhias, não me lembro agora se a Chenop, se a Hidroeléctrica Portuguesa, tendo por trás outra de maior dimensão mas ainda de rosto humano, a União Eléctrica Portuguesa. Tudo simples, sem burocracia, sem demoras, com muita compreensão, com muita amizade. Pai Américo rejubilou e aí temos a dita página com um dos seus hinos antológicos de acção de graças.

Anos mais tarde chegou hora idêntica para a Casa de Beire e foi tudo da mesma sorte: uma palavrinha ao Eng.º Mamede Fialho, que Deus tenha na Felicidade perfeita; e na volta outro posto «emprestado» que lá continua, hoje ainda, iluminando os rapazes e os doentes do Calvário.

O tempo desandou. Veio a hora das nacionalizações. Em nome da liberdade proclamaram-se malditos os «monopólios» e em seu lugar instaurou-se o monopólio de Empresas majestáticas, sem rosto, sem alternativa, impérios de poder absoluto que ditam o que há-de ser, como há-de ser... E quem não quiser fique às escuras.

Esta tarde de domingo veio do Porto o Zé Eduardo, de Cête o Carlos Gonçalves, de sua casa o Júlio Mendes — e aqui a gastámos os quatro, debruçados sobre problemas da Cooperativa de Habitação que queremos habitada no próximo 23 de Outubro, a celebrar os 105 anos de Pai Américo.

Um dos problemas é, justamente, o da electricidade. A 100 metros do pequenino bairro de 19 fogos há um posto de transformação aéreo, como, aliás, a maioria dos que servem a população da freguesia. Pois foi-nos exigido um posto próprio, cuja cabina, só ela, custou mais de 1.500 contos e que será propriedade da EDP, disponível para servir futuramente quem e como a Empresa decidir. Ela é que sabe, ela é que pode. E como, entretanto, o «nosso» posto deles muito provavelmente não estará operacional,

Continua na página 3

## O Calvário é um hino à vida

PARADOXAL que pareça, o Calvário é mesmo um hino à vida, cantado alegremente por todos os cantos desta Casa de doentes sem cura. Evidentemente que não falo da vida que os compêndios de biologia dissecam com todos os pormenores. Essa anda por aqui estropiada, amputada, limitada. Falo, sim, da Vida que vem da Fonte eterna — Vida que ali é unidade perfeita: «Eu e o Pai somos um»; dinamismo criador: «As obras que Eu faço não sou Eu é o Pai que as realiza»; partilha em comunhão, mas sobretudo Amor: «Deus é Amor». Os homens que se isolam, que não partilham nem amam, não comungam desta Vida. Jesus refere-se a eles quando afirma que quem não ama permanece na morte. Existir simplesmente, não é viver. Os mortos também existem.

Ora o Calvário é um hino à vida, pois todos os valores que exprimem e constituem a vida são a razão de ser do Calvário. Aqui ninguém é capaz de nada, mas todos juntos são capazes de tudo. A harmonia, a partilha e o amor são pilares deste nosso viver. Os doentes, limitados embora, pensando nos outros — «Vá buscar mais que a gente trata deles» — entreajudando-se, conjugando capacidades e forças, amando-se mutuamente, vivem em pleno a vida na fonte perene donde ela brota.

Esta Maria veio «para durar dois meses», diziam os clínicos mais a polícia que no-la entregou, tal o estado de degradação em que se encontrava. Passaram-se, no entanto, vinte e seis anos e ela continua a viver. E isto aconteceu porque aqui, esquecendo-se de si, se foi dando aos outros, de manhã à noite, como amiga dos que carecem.

Estoutira Maria, tão pobre física e mentalmente, tem sido a mãe carinhosa e devotada de inúmeros bebés que temos acolhido. Para os lados da Nazaré vegetava numa caverna da encosta, mais a avó doente. Aqui encontrou razões para andar sempre sorridente.

Este, que agora de vassoura na mão anda limpando os jardins, é de todos quem mais vive no Calvário. Os visitantes estremeçam ao depararem com o seu corpo tão deformado. Mas ele não pára. É solicitado para tudo. E com gestos meigos e sorriso constante dá conta de todos os recados como ninguém.

O Zé anda de carro de rodas desde que nasceu. É um autista quem o empurra pelas ruas e carreiros da Casa. Outro dia, vinham os dois do pinhal com um enorme saco de pinhas. Era o Zé que segurava ao colo. Nenhum dos dois,

Continua na página 3



## Conferência de Paço de Sousa

**ACTO DE JUSTIÇA** — Aquela velhinha que residia em casa arruinada, lá no cimo do monte com larga vista panorâmica do Vale do Sousa, que nos deslumbra, está servida! O vicentino meteu mãos à obra. Contratou biscateiro. Acompanhou o serviço. Habitação reparada, deu vida nova à pobre anciã!

Foi um trabalho à pressão para que não sofra mais invernias. «Agora, está como quer!» — exclama o servidor dos Pobres; e acrescenta: «Só falta a instalação eléctrica, que não tardará a ficar em ordem».

Graças a Deus por mais um acto de justiça, concretizado pelas amarguras que a pobre mulher sofreu ao longo de anos, no seu corpo franzino, temperada pela fé que a ilumina. Pela fé, a Providência Divina puxou um vicentino a descobrir o caos em que jazia sem um lamento, sem um queixume, sem pedinchines, sem incomodar ninguém! Ainda há Pobres destes, sem voz, diríamos conformados com a sua cruz. É preciso topá-los para que lhes seja feita justiça, fornecendo-lhes condições de vida mais dignas, especialmente no domínio da habitação. São os que passam despercebidos a todo o mundo. E, permitam a afirmação, são os que mais feriam Pai Américo.

Poderíamos otimizar a solução do problema... Mas não! Por amor à inquilina, à sua idade, à sua maneira de ser, a tudo o mais, seria desenraizá-la do meio onde nasceu, cresceu e seguirá para o Reino dos Justos.

**PARTILHA** — Assinante 35019, de Lisboa, com «pequena ajuda para os Pobres mais necessitados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». O costume, da «Avó de Sintra», e um abraço que retribuimos.

O «Manel de Braga» — assinante 24671 — envia cheque de 4.000\$00 numa carta: «Não mando a minha oferta no dia de Santa Isabel Rainha de Portugal — como costume fazer em anos anteriores — mas, hoje, dia de Santa Clara, ambas amigas dos Pobres. No fim de ler O GAIATO fico triste porque somos poucos os que nos lembramos das viúvas e elas são muitas. Esta oferta é muito agradável a Deus, que de vez em quando as lembra no Evangelho».

Outra «pequena ajuda» da assinante 14493, do Porto, «com o coração e a amizade por todos». Mais outra, de velha Amiga, do Luso, a qual desejava «acrescentar muitos zeros — mas Deus saberá suprir».

Assinante 4456, da Covilhã, para além das Casas do Gaiato d'África, lembra os nossos Pobres: «Como não tive de fazer uma despesa que poderia ter sido necessária, vão 20.000\$00 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Não me esqueçam nas vossas orações».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

# Pelas CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

**KARATÉ** — O grupo de Karaté, em nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa, está em grande desenvolvimento graças ao esforço e dedicação do François, nosso instrutor, que por todos os meios tenta acompanhar a evolução da modalidade, participando em seminários e estágios; o último ocorreu nos dias 17 e 18 de Junho, em Lisboa, ministrado pelo pai do Gojo Ryu Okinawa Karaté-Do "Sansei Miayata" 10º Dan.

Todo o trabalho do nosso instrutor faz com que sejamos cada vez mais aplicados à modalidade. Contudo, sentimos grande necessidade de material adequado à competição. Por isso, solicitamos aos nossos leitores que tenham algum, ligado à Gojo, o favor de no-lo enviar para: *Secção de Karaté — Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel*. Antecipadamente, apresentamos os nossos agradecimentos.



**OBRAS** — Com a ida dos da Casa quatro de cima para a praia, aproveitou-se para renovar um pouco a sala.

Espero que os rapazes gostem do novo chão que estão a preparar.

**VISITAS** — Continuamos a receber muitos visitantes, principalmente aos domingos. A nossa Aldeia, por vezes, até parece uma romaria!

**FRUTA** — As nossas macieiras e pereiras têm muita fruta para amadurecer. As uvas, igualmente, estão em crescimento. Se o tempo correr de feição haverá

boa fruta para saborearmos às refeições.

**OFERTAS** — Ultimamente, temos recebido muitos iogurtes e pão embalado. Gostamos destes produtos, que comemos todos os dias. Obrigado.

**FÉRIAS** — Estão quase no fim! Um grupo de jovens, de Vila Nova de Gaia, partilhou-as connosco: a Cláudia, Carla Marisa, Fátima, Marisa Isabel, Cristina e Ana.

Gostámos da sua companhia e venham no próximo ano, novamente, para darem o seu apoio aos mais pequeninos — os «Batatinhas».

Não tarda a chegar, de Azurara, o terceiro turno. Malta coradinha e cheia de força para o novo ano de trabalho e estudo.

**ÁFRICA** — Aproveito para mandar um grande abraço aos que partiram para as Casas do Gaiato de Angola e Moçambique.

Desejamos bom trabalho e Deus vos ajude.

Vitinho

**AZURARA** — Praia de muito movimento. Aqui, o sol brilha nas rochas e na areia empoeirada pelos banhistas que não respeitam a beleza que nós foi dada pelo Criador.

Em nossa casa tudo é um dom de Deus. Há afazeres para todos. Dei uma volta pela cozinha. Mauro e Gordinho prepararam o almoço. Lavagem da loiça: «Barata», Frederico, «Palhaço» e Almeida. Refeitório: «Vila-Chã» e Ivo. Camaratas: «Cabe-cinhas» e «Carona». Orientação da despensa: Tia Jeca e uma senhora amiga.

Foram todos para a praia. Uns jogam a bola, outros apanham caranguejos. Depois é a hora do banho: corremos para as ondas e mergulhamos na água salgada.

Regressamos na hora do almoço — desejado. Que fome!

A praia é um bem que Deus nos dá. É bom estarmos em contacto com a Natureza.

Recebemos também amigos que por aqui passam, para nos visitar e os vizinhos deliciam-nos com os seus mimos.

Repórter x

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Graças à ajuda que recebemos para o casal já vosso conhecido, nomeadamente a D. Maria do Céu, o sonho deles, e também nosso, será uma realidade.

Diz o casal que a habitação onde vão viver está linda, não lhes tendo sido ainda entregue

por faltar a vistoria, formalidade que demora bastante tempo. O Luís, filho mais velho, com 12 anos, está radiante: «Como é bom ter uma casa de banho com banheira e respectivos acessórios!» Coisas de que nunca usufruiu, pois dispunham duma pobre sanita também partilhada por mais quatro famílias. É vê-lo falar da casa nova com uma «belíssima casa de banho».

No entanto, sentem-se um pouco desanimados porque a cozinha precisa duma banca, armários, de um exaustor, etc. — para a casa ficar mais acolhedora e com o mínimo de conforto.

É bonito ver a alegria naquele casal, nos três filhos ansiosos por começarem a viver numa habitação só deles!

A Céu vai trabalhar nas férias e o dinheiro que ganhar, e mais algum que consiga obter, aplicá-lo-á na compra de mobília, pois a que possuem está em mau estado.

É reconfortante admirar o esforço, o querer e o empenho em darem conforto ao novo lar. Inclusive, já nos convidaram para, logo que recebamos a nova casinha, irmos vê-la, o que faremos com muito gosto.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Armandina, cheque de 20 000\$00 e Deus a ajude em todos os seus problemas. Maria Bernardete, vale de 20 000\$00 para o leite das crianças. Etelvina, 10 000\$00. Assinante 9708, cheque de 7 500\$00 para medicamentos.

A todos o nosso muito obrigado.

Casal vicentino

## MIRANDA DO CORVO

**FÉRIAS** — Teminaram as nossas, à beira-mar, na Praia de Mira. Chegámos morenos, bronzeados pelo sol.

O que nos resta, agora, são recordações dos dias que passámos por lá e das (poucas) actividades que realizámos.

Já estamos todos em Miranda do Corvo, na nossa quinta. Vamos trabalhar nela e, com as aulas no início, resta prepararmo-nos para o estudo.

Desejamos boas férias a todos os amigos e leitores.

**AGRICULTURA** — Despontámos e desfolhámos o milho para secar mais rápido. Colhe-mos o feijão e arrancámos os tomateiros. Relativamente à fruta, é muito pouca, mas saboreamo-la às refeições.

No que respeita ao gado, a pocilga está mais rica, nasceram mais leitões.

**VISITAS** — Temos recebido poucas. É de salientar um grupo de escuteiros que participou no ACANAC, realizado na Tocha. Foi uma experiência nova. Ajudaram nas tarefas que nos estão destinadas. Transmitiram muita amizade, através das actividades que realizaram.

Mas o mais importante foi a mensagem de caminheiros que deixaram. Nós também o somos!

António Maria

## TOJAL

**AGRICULTURA** — Procede-se à apanha da batata e do tomate. A colheita daquela foi mais rentável do que a do ano passado. Grande e bonita! Deu muito bem para encher o celeiro. O tomate tem sido bastante. Algum já foi congelado para as refeições. Não tem faltado boa salada!

## Notícias de Moçambique

**DIA DO PAI AMÉRICO** — Foi diferente... Parámos a rotina para marcar o dia, em comemoração ao nosso Pai Américo. Primeiro aniversário da sua morte, aqui em Moçambique, nesta segunda vinda da Obra da Rua. Logo de manhã fomos à cidade, Maputo, e passámos pela baixa e becos onde andam os rapazes da rua. Objectivo: marcar a vinda de outro. Encontrámo-lo... Mas, depois de algumas averiguações feitas pela nossa irmã Quitéria, tratava-se de uma menina. O que fazer?!... Não tem culpa de ser menina. Levámo-la para a casa das Irmãs da Caridade. Ficou bem entregue.

Voltámos para Casa e, depois do almoço, ao ar livre na nossa fazenda, tencionámos erguer um cruzeiro na serra onde construiremos a nossa Aldeia. Mas, por falhas técnicas, não foi possível. Será noutra dia... Valeu a intenção!

Antes de descermos para Casa, celebrámos a Eucaristia, lá mesmo na serra, quase ao anoitecer. Entretanto, prepararam danças locais com o povo para se fazer um pequeno serão depois do jantar. Assim, até a população participou da nossa alegria na comemoração.

Decerto o Pai Américo velou por todos nós...

**PISCINA** — A semana passada foi bem agitada, pela inauguração da nova piscina. O nome do velho tanque ainda se faz ouvir. Foram bastantes anos à espera dela. Agora, aí temos alegria nos mais pequenos e nos mais velhos, pois tanto uns como outros ansiavam por ela. O Marinho, um dos mais novos, tem lá estado todos os dias. Mas, para ir lá para dentro, só ao colo de um mais velho. Caso contrário só no lava-pés. Ontem, depois do Terço, ficou decretado que ali é só para os pés. Vamos lá a ver como resolve a situação. A piscina é um espaço de muita alegria!

**OBRAS** — São de um lado e de outro e nada se vê acabado. Uma, está a ser feita pelo nosso pedreiro. Outra, por uma empresa: no refeitório, cozinha e copa. As antigas instalações precisavam duma remodelação. O refeitório era apertado. Já se vão notando os espaços. E, numa reunião de chefes, ouvimos os números — que nos deram calafrios. A vida é cada vez mais cara!

**ESCOLA** — Está a chegar mais um ano lectivo. Para cada um dos estudantes, temos que preparar um camião de material. Agora, sendo mais, vamos ver se o aproveitamento será do mesmo tamanho.

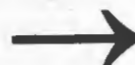
**PRAIA** — Acabaram! Gozaram todos as suas férias. O comentário mais ouvido: «Souberam a pouco!» Para o ano há mais. Esperamos por nova casa, pois temos andado como os ciganos, sempre de um lado para o outro. Até é bom o convívio com os gaiatos das outras Casas. Assim, nós ficamos a conhecê-los melhor uns aos outros.

Luís Miguel Fontes

**UNIÃO RELIGIOSA PELA PAZ** — O dia 19 de Julho foi marcado por uma grande celebração da Eucaristia, tendo participado as religiões e seitas da Massaca. Objectivo: unirmo-nos e rezarmos pela Paz em Moçambique. Não há palavras para exprimir a alegria, o empenho e a partilha de todos... Foi realmente único.

Cantou-se muito em dialecto. Deu-se espaço a cada religião para fazer os seus rituais. Participou muita gente e, no fim, houve muitas representações de danças, cânticos, um verdadeiro espectáculo africano.

**VISITAS** — Tivemos algumas visitas interessantes, e importantes, a salientar. É bom sabermos que já nos conhecem, que já se fala do fruto do nosso trabalho. Passaram por cá: Um grupo de jovens universitários, de uma paróquia dos arredores de Maputo, acompanhados pelo seu pároco. Passaram o sábado em nossa Casa e visitaram os arredores. Mais um grupo de jovens, de outra paróquia, que se prepararam para o Crisma, juntamente com o pároco. Veio,





# NOTAS DO TEMPO

pároco. Veio, também, uma Irmã Hospitaleira, nossa amiga. Pediram ao nosso Padre José Maria que falasse um pouco da Obra da Rua, que partilhasse o fruto do nosso trabalho. Até quiseram fotografar os nossos rapazes, e eles todos contentes... Foi bom!

Outra visita, agora do vice-ministro da Educação, transformou um pouco a vida. Fizemos prato melhor, toalhas de mesa melhores; preparámos serventes capazes de um trabalho sem deixar cair as travessas. Parámos para receber o visitante que trouxe um «rancho» de soldados e secretários (perto de 20) e, claro, todos comeram. Ele era vizinho da nossa antiga Casa, por isso quis rever o Padre José Maria e dizer que podemos contar com seu apoio.

Entretanto, vão passando amigos que nos procuram com muita alegria... e levam alegria!

**ANIVERSÁRIOS** — Marcamos-los, sempre que possível, com um simples bolo e respectiva vela. Eles nunca festejaram um aniversário. É uma imensa alegria ouvirem cantar, bater palmas e, claro, apagar a vela. Foram eles: o Maurício, um dos mais velhos; o Décio, o Samuel, o Carlitos, o Milagre e o tio Carlos. A todos estes, e aos outros, muitos anos de alegria com a ajuda de Deus.

**BAPTISMOS** — Nenhum dos nossos rapazes eram batizados. Numa primeira fase foram batizados: o Luís, que veio com o sr. Padre do Brasil, o Virol, o António e o Agostinho, que são os mais «certinhos» e melhor entendem o compromisso.

Em 15 de Agosto, dia de Nossa Senhora da Assunção e aniversário sacerdotal do nosso querido Padre José Maria, foram batizados os «Batatinhas», que ainda não têm a malícia no coração: Milagre, Tiago, Edson, Naftali, o querido Zézinho e o mais novo de todos, o Benedito, que tem 4 anos.

Neste dia tivemos muitos visitantes, alguns deles convidados para serem padrinhos. O povo participou na celebração com um ofertório de frutos do seu trabalho: o padeiro com dois pães, o carpinteiro com uma cruz, etc.

Acabámos a tarde com uma merenda e todos foram convidados a participar. Ficaram saciados do amor e da alegria geral.

**CABRITOS** — O Zacarias é um rapaz de certo modo difícil porque é um pouco «desequilibrado». Para o manter ocupado fornecemos-lhe 4 cabras para guardar na fazenda e na montanha. É vê-lo a falar com elas, todo contente. Há dias, nasceram os dois primeiros cabritos. Uma alegria para ele, para nós. Agora, aumentou a sua preocupação: mais dois cabritos a tratar com empenho. Brevemente, poderemos ter dezenas. Pois aí está o Zacarias, já com o «auto-curso» de pastor, pronto a assumir o cargo.

**A NOSSA FAMÍLIA** — Veio o Horácio e seu irmão Américo Paulo. O Faustino, que estava a ser apoiado por uma senhora, em Maputo. Por último, no espaço de dois dias, recebemos o Josias, o Celso e o Alberto. Somam 40...!

Com coragem e a ajuda do nosso Pai, tentamos viver em Família.

Carlos Roda

Continuação da página 1

sempre nos farão o favor de ligar ao tal transformador aéreo a 100 metros da «urbanização», para remedeio.

Quando, há 22 anos, fomos a primeira vez para Moçambique e tive ocasião de visitar a África do Sul, disseram-me que onde alguém fosse promover a exploração da terra, logo o Estado lhe abria uma estrada de acesso e levantava uma linha eléctrica. Aqui não basta o esforço de procurar morada para 19 famílias, a maior parte das quais nem rendimentos tem que lhes dê acesso a empréstimos que a permitam adquirir. Não basta pagar à rede pública as taxas de utilização e as taxas derivadas do luxo de ter em casa energia eléctrica. Impõem-nos o «mece-nato»: que disponibilizemos à empresa pública produtora, transportadora e distribuidora, infraestruturas que fomentem a electrificação.

Quem dera esta realidade fosse um sonho mau, povoado de prepotência e de iniquidade. E ao acordar, deparássemos outra realidade, com rostos, com alternativas, que nos fizesse pegar no hino de Pai Américo e cantá-lo, jubilosos, como ele cantou.

**Uma visita**

A imagem dele que eu fantasiava, não deu certa com a realidade. Na sua correspondência revelava-se tão discreto, quase tímido, que eu pensei-o de pequena estatura, envelhecido. Afinal é um homem alto, direito — 75 anos ainda com muita pujança.

Trabalhou por cá; depois, dezenas de anos em Moçambique onde, mercê do seu trabalho, chegou a empreiteiro. Como tantos outros, de lá voltou sem nada mais que o direito à pensãozinha social de que ora vive, enquanto os autores da «exemplar» desco-

lonização se passeiam, gloriosos, pelos «5 estrelas» de todo o mundo.

Num cemitério africano deixou a sua querida companheira. Não tem ninguém. As economias que ainda assim consegue pela austeridade da sua vida, queria assegurá-las em mãos de sua confiança. Pensou e repensou como havia de fazer... e ei-lo aí a entregar-nos os títulos em que as converteu, para preparar assim, livre e tranquilo, a hora da partida deste mundo que não lhe deixa saudades.

O Céu está povoado destas estrelas apagadas aos olhos dos homens. E o mundo tem muitos mais santos do que pensa, porque os não conhece nem os merece. Nem nós merecemos as renúncias deste Pobre, deste Sábio da virtude da Pobreza. Deste e de tantos que fazem a nossa abundância. Eu sinto assombro perante jóias deste quilate e fico mais escrupuloso no

uso de tanto bem-estar que almas desta grandeza nos proporcionam. E mais a nossa vida é dura! Talvez por isso, talvez em estratégia de defesa, lhe pedi que fosse mais generoso consigo mesmo, que não se privasse de alguma comodidade que lhe desse gosto. Mas o seu gosto é dar, é repartir da sua suficiência.

«Se Deus me der tempo — retorquiu-me — ainda cá virei trazer mais algumas economias. Tenho cama, refeições muito baratinhas numa cantina. Tenho um passe social que me permite dar uns passeios e distrair-me. À noite gosto de me deitar cedo... Não me falta nada!»

A imagem que eu fantasiava, deu lugar ao retrato de um homem livre, sábio como raros. Como seria diferente a face da Terra se o comum dos homens entendesse que a substância da liberdade consiste em *não precisar de...*

**Outra visita**

Mesmo na hora em que terminava o que aí vai, apa-rece-me uma mãe aflita com um filho tóxicodependente, actualmente numa associação em Almodovar, na mira de o ver curado. Carta do pároco atesta a verdade deste drama. Mas o sofrimento estampado no rosto dela e a contenção no dizê-lo já eram prova bastante.

Mãe de 11 filhos, marido reformado após três trombo-ses e agora mais este peso de 70 contos mensais na esperança de salvar o filho! Que cruz! E a Igreja sem uma resposta libertadora para este flagelo dos nossos dias!

Dois visitas — que contrastem!

Sim, a verdadeira liberdade consiste em não depender de nada e de ninguém, a não ser de Deus que nos fez livres, à Sua imagem, livres para sermos livres.

Padre Carlos

## Moçambique

Continuação da página 1

República, dos responsáveis dos Projectos Integrados para a área do Umbeluzi, da Unicef, da CEE e de jornalistas, fazem sentir que há interesse real pelo nosso trabalho, o qual, embora sem fachada, não dá para esconder.

Tem sido muito, sim, mas repartido por três, agora com a chegada do Carlos. A minha parte, todavia, é um tanto falhada, como mestre de obras. São sete pedreiros e o dobro de serventes. Implantação de casas fora de esquadria; paredes desaprumadas, massas mal feitas,

acabamentos lastimosos. Mas como de outro modo, se não somos capazes de mais? A cada um a sua medida. Dou graças a Deus por ter arranjado a experiência de que me valho agora.

**Caminho aplanado para voos mais longos e mais altos**

Chegamos ao fim deste ano com o caminho aplanado para voos mais longos e mais altos. Iniciámos a recuperação na fazenda com uma ajuda da Unicef, acrescida agora com outra para material didáctico e ferramentas de trabalho. Isto enquanto não chega a aprovação do Governo italiano para todo o material necessário à recuperação total: vacaria e viteiro para duzentas cabeças, sistema de refrigeração do leite, pocilgas para vinte matrizes e recria; currais de ovelhas e cabritos; cavalaria, galinheiro e patei-

ra; coelheira; silos e armazenagens; poços artesanais; abastecimento de energia de alta tensão e adutora para irrigação de 180 hectares.

Simultaneamente está nas mãos da CEE o projecto da implantação da Aldeia e, gradualmente, de algumas construções, bem como o material de irrigação.

Valeu a pena o esforço para chegar aqui. Que Deus nos dê o alento necessário para mais um ano de trabalho e esperança que depositamos em Suas Mãos — Bênçãos e Paz.

Não quero silenciar o apoio que temos recebido de todas as Casas do Gaiato de Portugal e de alguns Amigos de lá. Humanamente foram a garantia de podermos chegar até hoje.

Que Deus abençoe também os preciosos colaboradores desta Casa, pela disponibilidade e doação harmoniosa de si mesmos, e nos envie mais alguém que tenha nos Seus segredos de amor.

Padre José Maria

## Calvário

Continuação da página 1

sozinho seria capaz de ir por elas. O primeiro porque não anda; o segundo porque não tem mente preparada para tal. Mas os dois juntos foram e trouxeram um saco de pinhas.

— Venha ver o que nós já apanhámos!

E fui ao armazém e confirmei a verdade.

— Fomos nós os dois. Aqui ninguém, ninguém sozinho é capaz de coisa

alguma! «Fomos nós os dois.»

No Calvário nunca se fala de situações terminais, embora as haja. Não se fala de doentes incapacitados, porque todos o são. Eles vêm para viver e cantar, enquanto tiverem forças, um hino à Vida.

E há tantos que pensam viver mas não vivem. Existem.

Padre Baptista

## Notícias de Benguela

**Tempo de preparação**

Estamos arrumando a Casa para receber os seus habitantes. Às vezes, parece-me que não estou fazendo o que é essencial para mim nesta terra. Mas, agora, é importante que isto seja feito: limpar a casa, cuidar dos jardins, preparar o ambiente para recebermos os seus donos.

Também o nosso coração vai sendo motivado para os receber à medida que sentimos a sua falta e desejamos a sua presença.

Recebemos o João, o Ricardo e o José com muita alegria. Estão, agora, empenhados nesta acção material, colaborando alegremente onde é preciso: regar árvores, cuidar dos jardins, limpar e desinfetar as instalações pecuárias.

Esta fase, que pode parecer perda de tempo porque se avança de forma lenta, é muito importante para uma maturação da própria equipa; definição e consciencialização dos papéis de cada um. Há um dinamismo sempre presente que dá sentido a este tempo que se pode chamar de espera, como a semente que no Inverno se vai preparando lentamente para na Primavera irromper com toda a sua força e plenitude.

Teresa

Padre Acílio

## Cantinho dos Rapazes

• O que hoje escrevo e quero partilhar com os leitores é um «Cantinho dos Rapazes», fruto de duas vivências na nossa família. Uma vivência muito consoladora e outra muito inquietante.

Um dos nossos rapazes está internado, há semanas, no hospital. Tenho ido visitá-lo algumas vezes. Ele sabe que o tratamento vai ser custoso e longo. Consola-me sempre o seu riso e o seu beijo. Ele era o nosso melhor vendedor de O GAIATO e estava sempre pronto para ajudar em tudo — «O nosso engenheiro».

Na segunda visita pediu o nosso jornal: «Traga-me O GAIATO, que eu gosto muito de o ler». Daf a dois dias, pelo telefone, pediu o Terço e os mistérios. Quando lá voltei já o tinha na barra da cama e uma pagela na mesinha de cabeceira. Sorriente, apontou-nos e disse: «Gosto de rezar».

Nas longas horas de preocupação pela sua doença este rapaz tem-me dado muita esperança. Tem-se mostrado bom filho na sua dedicação a toda a nossa vida. Tem-se mostrado filho de Deus — de Quem depende todo o bem que desejamos.

• Era ao cair da noite e eu estava numa das nossas ruas.

## Tribuna de Coimbra

Um grupo de quatro dos mais velhos com maçãs nas mãos e os dentes a roer. Alguém, que estava a meu lado, comentou: «Fazem isto todos os dias».

Fiquei triste e preocupado. O roubo da nossa fruta. A nossa fruta e o cuidado com ela tem sido sempre um modo excelente de educação dos nossos rapazes. A fruta é de todos. Não deve ser só de alguns que se julgam espertos. Não se deve roubar! Para os visitantes a fruta nas árvores é sinal da nossa boa educação.

Recordo um grande elogio que Pai Américo deu aos rapazes de uma das nossas Casas por ver no corrimão de videiras a ladear uma das ruas que não havia um bago tirado dos grandes cachos. Como todos nos sentimos felizes naquele dia e naquela sala! Parece-me que ainda estou a ver a cara feliz de Pai Américo.

A fruta nas nossas árvores. Sinal de renúncia e de esperança. Sinal de boa educação. Colhida a seu tempo e para todos. Sinal de amor familiar.

**P.S.— Atenção aos Amigos de Tomar, Leiria e Figueira da Foz que recebem O GAIATO pela mão dos nossos vendedores: No princípio do próximo ano escolar, eles deixarão de aparecer nas vossas terras para não perderem aulas. Aconselhamos a vossa inscrição como assinantes do Jornal.**

**Para o efeito juntamos um impresso, cuja devolução agradecemos com vossos nomes e moradas bem legíveis.**

Padre Horácio

# ENCONTROS

## Com a preparação para a vida não se brinca

Nesta altura do ano tudo parece recomençar. A Escola vem aí cheia de promessas. À mistura, muitas dores de cabeça. Os maiores impactos são sentidos pelos que transitam da Primária para o Ciclo e pelos que passam do Ciclo para o Liceu. Muitas vezes os surpreendo nervosos e apreensivos. As perguntas surgem em catadupa, quer a mim, quer aos companheiros que já passaram por aí. Com antecedência e um certo irrealismo organizam projectos. Gosto de os ver assim preocupados e, até certo ponto, responsabilizados. Muitos já perceberam que se pode brincar com muitas coisas; mas, com o futuro, com a preparação para a vida não se brinca. É coisa séria. E em nossas Casas essa seriedade tem que ser ainda maior dadas as dificuldades anteriores e, ao mesmo tempo, os atrasos com que alguns já estão.

Para os nossos rapazes a Escola é algo de muito trabalhoso. As experiências anteriores não os predisõem de modo nenhum para esta aventura. Vem-me imediatamente ao pensamento o Marco Paulo. As qualidades

de trabalho que tem, a sua disponibilidade, a sua inteligência para resolver os problemas práticos e também o seu ar trocista e mesmo irreverente esbarram com a escola. No dia que lhe dissesse «a Escola acabou», creio que lhe tiraria das costas um pesadíssimo fardo. Diz-me com muita frequência: «Não gosto da Escola». Até certo ponto compreendo-o. As letras, os símbolos, os números, as contas, é tudo muito abstracto para ele... Como ele, muitos outros a quem faltou a iniciação, o incentivo, a perspectiva de vida.

É com um certo frio no fundo do estômago que os vejo partir para a Escola. Tento perceber-lhes as resistências e as dificuldades. Vejo quase o ano escolar avançar cheio de altos e baixos.

Normalmente os maiores problemas que enfrentam, quer no Ciclo, quer no Liceu, dizem respeito à matemática e às línguas. São coisas que não entram. Seria necessário quase um ensino individualizado que os ajudasse a ultrapassar as pequenas dificuldades do dia a dia porque, às vezes, são pequeninas areias que os levam imediatamente a pôr de parte a globalidade da disciplina: «Essa não é para mim». Uma vez por

## EM LISBOA

semana, temos tido à ajuda de alguns estudantes universitários para darem um pequeno empurrão. Estamos gratos por toda esta disponibilidade. Gostaria de ter o apoio de pessoas mais experimentadas no ensino e mais maduras na vida.

## Vamos lutar pelo nosso futuro

Voltarei a repetir aos rapazes: — Vamos enfrentar o novo ano escolar com coragem e esperança. Vamos lutar seriamente pelo nosso futuro. Deus ajudará os que trabalham.

Nota que nem sempre a culpa é dos rapazes quanto ao fraco aproveitamento ao longo do ano. O estudo precisa de um certo ritmo e esse ritmo é frequentemente quebrado pela falta de professores. Como regra, o ano escolar arranca sempre mal, com a falta de muitos professores e, depois... há tantas razões para as faltas. As matérias vão sendo deixadas de uns anos para os outros e, mais tarde, experimentam-se os «buracos» e já não se sabe a quem compete tapá-los. Desejo que seja um ano sem muitas faltas e interrupções.

Padre Manuel Cristóvão

## O grande sinal

Era meio-dia quando a irmã Generosa — que tem à sua conta um hospital superlotado — trouxe a notícia de sete crianças abandonadas para a Casa do Gaiato. É admirável este trabalho da Igreja em terras de Angola. Crentes e não crentes curvam-se perante o peso de tamanho testemunho. O amor gratuito em acção é o grande sinal numa Igreja que é Mãe. Todas as manhãs, ao começar o trabalho de arranjo e recuperação da nossa Casa, passo pelo posto médico a funcionar lá dentro, graças à doação incondicional de Religiosas. Centenas de mães e outros doentes vão ali buscar o alívio para os seus males e de seus filhos. Não admira, pois, que as Irmãs sejam tratadas pelo povo com tanto carinho!

Não pude receber, de imediato, os sete tesouros que a irmã Generosa queria depositar em nossas mãos. Sete crianças totalmente abandonadas, provisoriamente acolhidas em seu regaço, à espera do lar estável e definitivo que lhes permita crescer como pessoas normais.

O canalizador e os pedreiros vão rebentando paredes à procura dos tubos de água entupidos e dos esgotos partidos.

## Bater às portas...

Enquanto isto, vou batendo aqui e acolá a ver se encontro torneiras, fechaduras, vidros, lavatórios, sanitas, material eléctrico, etc. Quantas vezes em vão! Por este motivo ainda não foi possível receber os garotos que nos batem à porta.

E os preços? É uma loucura para a qual o tempo há-de trazer algum remédio. Não fosse a ajuda da Obra em Portugal não dávamos sequer os primeiros passos nem outros se juntavam a nós, a caminhar. Quem nos dera, daqui a um mês (estou a escrever nos primeiros dias de Agosto), instalarmo-nos na Casa do Gaiato com os primeiros 20 rapazes. Hei-de contar-vos a história deles para sofrerdes e vos alegrardes também connosco. Nada mais lindo do que o dar as mãos para levantar os caídos, estender os braços ao pequenino da rua, dizer uma palavra ao desconhecido, recolher a esperança das crianças que não têm mais ninguém em quem confiar.

## Amigos que ajudam

Impelidos pela força do Bem chegam até nós, com gestos emocionantes, Amigos que nos querem ajudar nesta hora de arranque para a reconstrução do que foi destruído. O sr. Albertino, pequeno agricultor doutros tempos, conhecedor da arte do campo à custa da sua dura

# Benguela

experiência, é hoje conhecido em todo o vale do Cavaco pela dimensão do seu trabalho e das suas hortas. Tocado pelo amor à Casa do Gaiato ensinou o que devíamos semear; deu-nos as sementes, os trabalhadores e as plantas que ocupam alguns hectares de tomate, cebola e milho. Que ajuda, meu Deus!

Vamos pagar à nossa maneira um dom de tanto valor. Vamos dar trabalho a um grupo de homens e mulheres que, doutro modo, viveriam da *candonga* ou passariam fome.

## Um problema social

É um problema social que nos aflige muito. À nossa porta, todos os dias, há gente que pede trabalho. Quem nos dera, nesta hora, possuir meios económicos que permitissem dar a mão às pessoas que nos procuram! É

um meio eficaz de lutar contra alguns dos grandes males que ferem gravemente a sociedade actual: a *candonga* e o banditismo. Estamos no caminho certo.

Pela mão de alguns gaiatos casados, as empresas comerciais são abanadas e do pouco que têm repartem connosco. O nosso Paulo telefonou a dizer que tinha lá um cheque de 240 000 quanzas, dádiva anual regular de empresário amigo. De Portugal chegou notícia do movimento de apoio da União Noelista. Já colhemos os benefícios. Oxalá continue. Que modo tão eficaz de nos ajudar descobriu o Engenheiro Zé Miguel, através doutro grande amigo, o Engenheiro Carlos Castro, que foi director geral da Lupral! Obrigado!

Padre Manuel António

# Partilha

## O clamor dos Pobres pregado bem alto

Os nossos peditórios correspondem à necessidade de equilibrar as economias das nossas Casas. Para além disso, somos pobres e mendicantes. Temos necessidade de pedir; temos obrigação de pedir.

São razões nossas; que dimanam do nosso viver. São razões de tantos outros que têm necessidade do nosso apelo à partilha de bens. A salvação de muita gente, depende, aliás, deste anúncio. Por isso, o nosso pedir é, sem sombra de dúvida, um acto evangelizador.

Temos necessidade de ir, despertar e consciencializar. Fomos à Figueira da Foz e a Buarcos. Padre Horácio e eu. A palavra neste domingo era um forte apelo à prática da justiça, pela qual Jesus reconhece os seus: quem são e de onde vêm. Para que a Salvação aconteça, é necessário praticar a Justiça — amar a Deus e ao Próximo. Não basta conviver com o Senhor rotineiramente: «*Senhor comemos e bebemos contigo e Tu ensinaste em nossas praças...*» Se esse convívio não conduzir à prática da justiça, é culto vão: «*Não sei donde sois*».

É por isso que o clamor dos Pobres deve ser pregado, bem alto, nas nossas comunidades e assembleias eucarísticas por amor de uns e de outros, sobretudo por amor daqueles que as frequentam. É urgente que este clamor atinja os corações de muitos que vivem embrulhados na ilusão dos bens deste mundo.

Os que convivem autenticamente com o Senhor serão por Ele reconhecidos aqui e agora pelas obras de justiça e um dia «premiados» pelas mesmas obras da justiça.

Quando penso nas lágrimas do Bruno, chorando a sua família desfeita, sinto obrigação de pregar a Justiça de Deus.

Quando a mãe do (...) que telefona, alcoolizada, para saber dos filhos que gerou sem tino nem amor, que devo fazer senão pregar a justiça.

Quando sei de mãos que curam chagas e corações, que levam um pouco de luz aos lugares imundos de onde tantos dos nossos vieram, que hei-de dizer senão da Justiça de Deus?!

Quando no final das Eucaristias onde repartimos o pão da Palavra justa de Deus, alguns *comensais* me perguntam preocupados: «*Que devo fazer ainda?*»; e nos seus olhos adivinho a alegria de quem dá com amor. Eu dou graças a Deus pelos sinais da Sua presença em muitas comunidades que, pela sua capacidade em repartir, travam o avanço da incredulidade.

Padre João



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239